



SUPERANDO OS LIMITES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Jackson Filipe da Silva Santos ¹

Fernanda Lays da Silva Santos ²

Niedja Balbino do Egito³

Janine Mary da Silva⁴

RESUMO

Este trabalho se caracteriza como um relato de experiência de um egresso da EJA, atualmente licenciando em Letras, pelo Instituto Federal de Alagoas. O artigo envolve o relato das experiências escolares do autor e reflexões sobre as implicações para a sua formação humana e docente. Desse modo, o caminho metodológico deste trabalho envolveu a pesquisa autobiográfica e bibliográfica. Utilizamos como principais autores: Paulo Freire (1967;1968;1996); Arroyo (2005), Silva (2005) e Gatti (2014). A educação ocupa um lugar crucial na trajetória de um estudante, possibilitando-lhe se reinventar, mudando o seu cenário através das oportunidades que a sociedade, e a inclusão social oferecem. Sou filho de pais que não concluíram seus estudos em tempo oportuno, logo, a educação para eles era algo raro. Assim, com o avanço das políticas públicas, tive a oportunidade de frequentar uma escola da rede municipal em Marechal Deodoro, Alagoas. Depois cursei meu ensino médio e tecnológico na rede federal de educação na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Durante meus estudos, obtive oportunidades que jamais poderia imaginar que seriam possíveis para um estudante. Saí dos muros da escola para o mundo, assim eu considero minha trajetória vivida. No decorrer do processo, conheci professores que se tornaram exemplos a serem seguidos, e agora estou cursando o a licenciatura em Letras na mesma instituição que me apresentou o mundo. Atualmente estou participando do Pibid e estar tendo essa experiência em sala de aula a cada dia só fortalece mais o sonho de seguir a carreira docente. A cada encontro do Pibid, sinto a necessidade de contribuir cada vez mais com a educação do meu município, pois estou tendo a chance de desenvolver meus trabalhos na escola onde iniciei o ensino fundamental. Acompanho alunos do 7º ano e noto que alguns estudantes enfrentam desafios significativos com a leitura, o que afeta seus desempenhos em diversas disciplinas. Meu papel nesta turma vai além de observar a docente com suas práticas pedagógicas, pois a verdadeira vitória não está apenas em aprender a ler, mas na jornada da autodescoberta e na força de vontade para conquistar uma habilidade que antes parecia inatingível.

Palavras-chave: Educação, Experiência Escolar, EJA, PIBID.

1Graduando do Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, pibidiano da área de Letras, jfss15@aluno.ifal.edu.br ;

2Professora efetiva do Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, fernanda.santos@ifal.edu.br

3 Professora efetiva e coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, coordenadora do PIBID na área de Letras, niedja.balbino@ifal.edu.br

4 Professora da rede Municipal de Ensino de Marechal Deodoro e supervisora do PIBID na área de Letras- AL, janinemarys@gmail.com





INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a minha trajetória escolar e acadêmica como egresso da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e atualmente estudante de Letras. A primeira representa uma modalidade de ensino fundamental ou médio que visa oportunizar o direito à educação para uma parcela da população que, por diversos motivos, não teve a oportunidade de concluir seus estudos na idade regular. A EJA vai além da alfabetização, sendo um espaço de resgate da cidadania, de desenvolvimento pessoal e profissional, e de transformação social, assumindo um caráter educacional, político e social. A referida modalidade enfrenta uma série de desafios que precisam ser superados, entre os principais, podemos destacar: evasão escolar, falta de recursos e infraestrutura, metodologias de ensino inadequadas, preconceito e estigma.

Assim, neste artigo apresento uma autobiografia, sobretudo, no contexto escolar em que são destacados momentos significativos da minha formação educacional, desde à EJA até o ensino superior. Ao longo desta narrativa, descrevo e reflito sobre o papel e as contribuições da educação escolar em minha formação.

Nesta análise, examino meu percurso pelos ensinos fundamental, médio e superior, focando nos avanços e desafios superados em relação à aprendizagem e à permanência escolar. A reflexão se estende, ainda, ao papel crucial da instituição escolar e dos educadores em minha formação. Essa discussão nos auxilia a trazer à memória que a formação humana e docente é uma construção histórica e social. Desse modo, revisitar o nosso percurso formativo é essencial para identificar lacunas existentes e/ou refletir sobre as possibilidades e superações diante de um contexto social tão desigual marcado por dores físicas, emocionais e desafios diante da manutenção da vida, que assume um caráter fundamental nesse processo.

O presente trabalho está estruturado em cinco seções principais: introdução, metodologia, referencial teórico, resultados e discussão e considerações finais. O percurso metodológico envolve dois tipos de pesquisa: a bibliográfica e a narrativa, ambas com abordagem qualitativa. A primeira incluiu a análise de livros, artigos científicos e monografias sobre o tema da EJA, PIBID, entre outros; já a segunda envolveu a elaboração de um relato autobiográfico, focado na minha trajetória escolar e experiências pessoais.





METODOLOGIA

O artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, que articula a pesquisa (auto)biográfica com a pesquisa bibliográfica. A escolha dessa abordagem permite não apenas aprofundar teoricamente os temas discutidos, mas também analisá-los a partir da singularidade de uma experiência vivida, conferindo profundidade e concretude à reflexão.

Metodologicamente, este estudo articula a pesquisa bibliográfica com a análise de relatos de experiência. A primeira, conforme define Pizzani (2012), é um processo investigativo detalhado que constrói conhecimento a partir de uma revisão de múltiplas fontes. Esse rigor teórico é empregado aqui para fornecer a base necessária à interpretação dos relatos de experiência analisados. A pesquisa (auto)biográfica é compreendida aqui como uma metodologia qualitativa que permite analisar "narrativas das histórias de vida [...] e interações com o contexto social" (Santos; Estevam; Martins, 2018, p. 03). A pertinência dessa abordagem para o presente estudo reside em sua capacidade de elucidar as relações entre as trajetórias individuais e o contexto sociocultural na formação de professores. Portanto, a autobiografia é adotada como um instrumento que viabiliza a descrição de experiências e, fundamentalmente, a (re)significação da consciência histórica do sujeito sobre si e seus processos de aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação desempenha um papel fundamental e multifacetado na construção de sociedades mais justas, prósperas e de indivíduos mais completos e autônomos. Longe de ser apenas um meio de transmissão de conhecimento, ela é o alicerce para o desenvolvimento social, econômico, cultural e pessoal. Sua importância se manifesta em diversas esferas, tais como cognitiva, profissional, ética, política, estética, colaborando para a formação de cidadãos atuantes na sociedade.

As trajetórias de vida de jovens e adultos, longe de se tornarem mais fáceis, vêm se tornando mais imprevisíveis e incontroláveis. Segundo Arroyo (2005), essa realidade atinge inclusive os adolescentes forçados a frequentar o ensino noturno. O autor argumenta que a escola deve se adaptar a esses sujeitos, e não o contrário. A educação para eles é um direito





que lhes foi historicamente negado e que deve ser garantido com qualidade e respeito às suas especificidades.

Assim, a educação ocupa um lugar de destaque na formação humana, pois ela cria possibilidades para o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo. Em uma concepção de educação emancipatória, ela possibilita o questionar, analisar e formar idéias próprias, fundamentadas em conhecimento científico e lógica. Isso permite que as pessoas se tornem menos suscetíveis a manipulações e mais protagonistas de suas próprias vidas.

Por esse caminho, a educação escolar contribui para o mundo do trabalho e ascensão social, mas, sobretudo, para a formação humana plena em seus aspectos políticos, éticos, sociais e culturais. Além de propiciar o desenvolvimento cognitivo e a aquisição de habilidades, a educação precisa ser humanizadora, fundamentada no respeito, na equidade e na valorização dos sujeitos. Essa dimensão, que ensina a lidar consigo e com o outro, é fundamental para as relações interpessoais em todas as esferas da convivência.

Além disso, a educação é um processo contínuo de desenvolvimento que precisa se adaptar constantemente às mudanças tecnológicas, sociais, econômicas e culturais. É incontestável a importância sociopolítica da educação na formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, capazes de participar ativamente na sociedade e de lutar por melhorias na comunidade. Para isso, é imprescindível refletir sobre a formação dos professores e trazer à tona a fala de Freire (1996) quando propõe uma educação libertadora.

O cenário de desigualdade no Brasil gera altas taxas de analfabetismo e dificuldades de aprendizado. Para Paulo Freire, isso reflete um sistema educacional opressor. Ele propõe uma pedagogia da liberdade, por meio da conscientização, o que torna essencial repensar os papéis da escola, do professor e do estudante, em oposição ao ensino tradicional.

Sob uma ótica crítica, e fundamentada em Tadeu Silva (2010), compreende-se que a educação sistematizada é desprovida de neutralidade. Sua intencionalidade inerente confere a ela um caráter essencialmente político. Assim, a mais contundente crítica de Paulo Freire ao sistema tradicional de ensino, que ele denominou "educação bancária", está formalizada em sua obra mais influente, "Pedagogia do Oprimido". A obra foi escrita por Paulo Freire em (1968), durante seu período de exílio no Chile. Na metáfora de Freire, o professor atua como um "depositante" e os alunos são os "depositários", meros recipientes a serem preenchidos. A crítica se fundamenta nos seguintes pontos: Relação vertical e narrativa: O educador é o



detentor indiscutível do saber, que narra e disserta sobre um conteúdo desconectado da realidade dos estudantes. Os educandos, por sua vez, têm o papel passivo de escutar, memorizar e repetir.

É interessante destacar a pedagogia freireana na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para quem a alfabetização não se resume a aprender a ler e a escrever palavras, mas sim a "ler o mundo" e a se conscientizar da sua realidade para poder transformá-la. Ele acreditava que a educação de jovens e adultos deveria ser um espaço de diálogo, de troca de saberes e de construção coletiva do conhecimento, (Freire, 1968). Para fins de compreensão, é fundamental entendermos um pouco do contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme veremos abaixo.

A Educação de Jovens e Adultos

A Constituição federal brasileira de 1934 definiu a educação como um direito universal, estabelecendo a responsabilidade financeira do Estado com a vinculação de receitas e criou as bases para um sistema educacional nacionalmente articulado através do Plano Nacional de Educação (PNE).

Pesquisas revelam que a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é uma narrativa longa e complexa, marcada por séculos de exclusão, mas também por iniciativas pioneiras e uma luta contínua pelo reconhecimento da educação como um direito para todos, independentemente da idade. Sua trajetória reflete as profundas desigualdades sociais e as transformações políticas do país. Um momento notório foi no início dos anos 60, quando o educador Paulo Freire propôs uma educação popular, visando a luta contra a opressão social. Sua metodologia, aplicada de forma emblemática em Angicos (RN), em 1963, trouxe contribuições para a EJA. Freire propunha uma alfabetização que partisse da realidade do aluno, utilizando "palavras geradoras" de seu cotidiano. O objetivo não era apenas decodificar letras, mas "ler o mundo" para transformá-lo. A alfabetização tornava-se, assim, um ato de libertação e conscientização política.

Com o Golpe Militar de 1964, a proposta libertadora de Paulo Freire foi duramente reprimida e ele foi exilado. Em seu lugar, o regime militar implementou um modelo de alfabetização em massa, tecnicista e sem viés crítico: o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), criado em 1967, com o lema "Você também é responsável". O





Mobral tinha uma meta ambiciosa de erradicar o analfabetismo em uma década. Apesar dos investimentos financeiros e da propaganda massiva, o programa foi alvo de várias críticas, por sua baixa eficácia pedagógica, pelo uso político e pela abordagem que ignorava a realidade e os saberes dos alunos, aproximando-se da "educação bancária" criticada por Freire.

Em 1971, foram criados os exames supletivos, que ofereciam uma via rápida para a certificação do ensino fundamental e médio, focando na conclusão de etapas e não necessariamente na qualidade do aprendizado. A EJA foi um direito advindo da redemocratização do país. A Constituição Federal de 1988 foi o marco legal decisivo para seu surgimento. Em seu Artigo 208, a Constituição detalha o dever do estado para com a educação, incluindo também os que não tiveram direito a ela na idade própria.

Já nos anos 2000, programas como o Proeja (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) constituiu uma iniciativa do governo federal brasileiro que visava oferecer a quem não concluiu seus estudos na idade regular a oportunidade de finalizar a educação básica. A EJA passou a ser, definitivamente, um dever do Estado. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB 9.394/96, dedicou uma seção específica à EJA, tratando-a como uma modalidade da Educação Básica. Ela estabeleceu a flexibilidade curricular, a valorização dos saberes dos alunos e a possibilidade de exames de conclusão, como o Encceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos).

A Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, buscou integrar a formação básica à qualificação profissional, respondendo a uma demanda histórica dessa modalidade. Hoje, a EJA enfrenta desafios como a evasão escolar, a falta de financiamento adequado e a necessidade de formação específica para seus educadores. No entanto, sua trajetória mostra uma conquista social inegável: o reconhecimento de que o direito à educação não se perde com o tempo e é fundamental para a construção da cidadania e de uma sociedade mais justa.

O Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e suas contribuições para a formação de professores





O Programa de Iniciação à Docência (PIBID) é proposto pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Caps) e tem como objetivo incentivar a formação de professores, oportunizando-lhes prática e vivência durante a graduação. Para incentivar a Formação de Professores são oferecidas bolsas de iniciação à docência para alunos de cursos de licenciatura, inserindo-os no cotidiano de escolas públicas, onde eles podem participar da elaboração e implementação de projetos pedagógicos, sempre com a supervisão de um professor da escola e de um docente da sua universidade.

O Pibid é considerado um dos programas mais importantes para a valorização do magistério e a melhoria da qualidade da formação de novos professores no Brasil. Ao fazer parte do programa, os estudantes de licenciatura têm uma oportunidade única de troca de experiências *in loco*. Essa convivência permite aos bolsistas fazer uma comparação dos desafios do cotidiano escolar, tornando-os sujeitos capacitados, com visão crítica e reflexiva sobre o ensino. Uma das vertentes mais destacadas na literatura é o impacto positivo do PIBID na formação inicial de professores. Autores como Gatti et al. (2014), em uma ampla pesquisa sobre o programa, apontam que a imersão no cotidiano escolar proporcionada pelo PIBID contribui significativamente para a construção da identidade docente. Os bolsistas têm a oportunidade de vivenciar a realidade da sala de aula, o que, segundo os pesquisadores, fortalece a escolha pela carreira e diminui os índices de abandono dos cursos de licenciatura.

Além disso, o Pibid não é apenas para a formação dos graduandos, mas também contribui para o fortalecimento e o compromisso institucional coletivo entre gestores, coordenadores, professores e toda comunidade acadêmica, colaborando para uma educação pública de qualidade. O programa transcende o benefício individual do bolsista e se torna um poderoso mecanismo de articulação institucional. Ele cria uma via de mão dupla essencial. Para a universidade, o PIBID "força" a universidade a sair de seus muros e a dialogar diretamente com a realidade do "chão da escola". Isso enriquece os cursos de licenciatura, tornando-os mais práticos e alinhados com os desafios reais da educação básica. A teoria acadêmica é constantemente testada e aprimorada pela prática, bem como a reflexão sobre ambas; já para a escola pública, o PIBID dá um novo fôlego. A instituição se beneficia com a energia dos graduandos, com novas metodologias e projetos, e estabelece um canal direto de





comunicação e formação continuada com a universidade, tanto para seus professores (supervisores) quanto para a gestão.

Essa parceria, que envolve gestores, coordenadores e professores de ambas as instituições, cria um ecossistema de colaboração. Quebra-se o isolamento histórico entre a universidade que forma o professor e a escola onde ele vai atuar, gerando um ciclo virtuoso que, no fim, cumpre seu objetivo maior: fortalecer a educação pública e oferecer um ensino de mais qualidade para os alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do exposto, trago abaixo minhas experiências escolares, enquanto estudante, para dialogarmos sobre as implicações da educação na formação pessoal e docente.

Antes do ingresso na Educação de Jovens e Adultos (EJA), eu sentia que minha opinião não tinha valor. A sala de aula da EJA demoliu esse pensamento. Lá, eu não era apenas um número ou um aluno "atrasado"; eu era um sonhador que mal podia imaginar o que os estudos poderiam me proporcionar de experiências de vida que eram tão ou mais valiosas que o conteúdo dos livros. Os professores me lembravam que tudo era possível, bastava eu acreditar. Minha voz, antes silenciada pela insegurança e medo, começou a surgir nos debates. Entendi meus direitos e deveres, precisei ser ousado através de uma simples folha de caderno, onde minha história foi reescrita. Aprendi a argumentar, a questionar a realidade e a me ver como um agente de mudança da minha própria história. A EJA me devolveu a autoestima e a dignidade, e aos poucos as oportunidades foram surgindo. Desse modo, a EJA contribuiu para me tornar um cidadão consciente, capaz de ser inspiração para outros estudantes. Ao descrever essa passagem, não tenho como conter minhas lágrimas, pois provei do poder que a educação tem de transformar um cidadão!

Profissionalmente, a EJA foi um divisor de águas. O certificado de conclusão do Ensino Médio Técnico Integrado em Cozinha foi muito mais que um papel, foi a ferramenta que quebrou as correntes que me prendiam a empregos informais e sem perspectiva de crescimento. Com ele em mãos, pude buscar qualificação, e, pela primeira vez, vi a





possibilidade de uma carreira, não apenas de um "bico". A disciplina de conciliar trabalho e estudo me tornou mais responsável e organizado.

A convivência com colegas de diferentes idades e profissões, que iam da dona de casa ao porteiro, do jovem aprendiz ao aposentado, me ensinou a trabalhar em equipe, a respeitar diferentes pontos de vista e a ter uma flexibilidade que nenhum outro ambiente poderia me dado. A EJA não me preparou apenas para passar em uma prova, ela me preparou para a vida. Foi na EJA que descobri que não queria apenas receber a educação, eu queria ser parte dela. Ver o impacto de um professor dedicado na vida de um adulto cansado, que muitas vezes só precisava de alguém que acreditasse nele, acendeu uma "chama" em mim. Minha experiência como estudante dessa modalidade é, hoje, a base da minha decisão de ser professor.

Como futuro educador, eu já estive do outro lado. Eu conheço o medo, o cansaço e a esperança que enchem uma sala de EJA. Minha formação não será apenas teórica; ela será profundamente humana. Eu entendo que a matéria mais importante é a empatia. Quero ser o professor que não apenas ensina a Ênclise, mas que a conecta com um problema real do cotidiano do aluno. Quero ser o professor que valoriza a sabedoria que meu aluno traz da vida, do trabalho, da sua comunidade.

A EJA me mostrou que a educação é a mais poderosa ferramenta de transformação e, como futuro professor, quero ter a honra de ser o instrumento dessa mudança na vida de outras pessoas, assim como um dia foram na minha.

Em relação ao ensino superior, a minha trajetória acadêmica no curso de Letras do IFAL está sendo marcada não apenas pelo aprendizado em sala de aula, mas por uma profunda jornada de resiliência e descobertas. A permanência no curso foi abalada por um grande desafio pessoal, um período de adoecimento. No primeiro ano do curso, passei por um transplante hepático que testou meus limites e minha determinação. Contudo, a superação dessa fase adversa transformou-se na principal motivação para continuar os estudos, ressignificando meu compromisso com a educação. Assim, esses caminhos percorridos são a razão para eu acreditar na possibilidade de transformação social.

Para muitos alunos da escola pública, especialmente aqueles com trajetórias interrompidas por falta de oportunidades, a EJA proporciona um futuro que não podemos imaginar. Ao longo de todo este período, me tornei um sinônimo de resistência e





perseverança. Hoje minha presença na sala de aula como pibidiano é uma mensagem poderosa: "Eu estive onde vocês estão, e olhem onde é possível chegar". Isso tem um poder de inspiração que nenhuma teoria pedagógica consegue replicar.

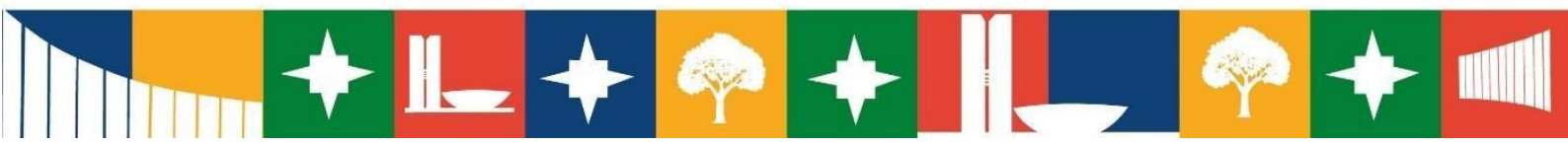
A experiência da Prática Pedagógica Inclusiva na EJA me deu uma sensibilidade aguçada para diferentes ritmos e formas de aprender. É possível entender, na prática, que um estudante pode não saber algo, não por falta de capacidade, mas por falta de oportunidade. Isso me torna mais propenso a criar estratégias de ensino que acolhem a diversidade e que busquem ativamente incluir aqueles que possam ficar para trás. A valorização da “bagagem” do estudante é, como Paulo Freire defendia, a consideração pelos saberes que o aluno já traz para a EJA. Você tende a aplicar essa lógica com seus alunos no PIBID, valorizando suas histórias, suas gírias, sua cultura e usando isso como ponto de partida para o conhecimento formal, tornando a aprendizagem muito mais significativo na Educação Pública.

Minha trajetória é um argumento poderoso em defesa de políticas públicas como a EJA e o PIBID. Você personifica o resultado positivo do investimento na educação. A história mostra como esses programas, quando se conectam, criam um ciclo virtuoso: a EJA recupera um estudante, a universidade o qualifica e o PIBID o devolve para a escola como um agente transformador. Há uma quebra de estereótipos que desafia o preconceito que muitas vezes recai sobre os estudantes da EJA, vistos como menos capazes. A perseverança no curso de Letras, uma área de grande prestígio intelectual, e a atuação no PIBID provam que o potencial de uma pessoa não é definido por sua idade ou pelo tempo que esteve fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta jornada investigativa, que se debruçou sobre a trajetória de um estudante egresso da EJA, em sua caminhada pelo curso de Letras e sua participação no PIBID, emergiram reflexões profundas sobre as implicações da educação na formação humana e docente. A articulação entre a pesquisa (auto)biográfica e a revisão bibliográfica permitiu não apenas validar, mas dar voz e sentido a um percurso de lutas e superação que, longe de ser um caso isolado, representa a resiliência de muitos brasileiros.

A narrativa (auto)biográfica, cerne metodológica deste trabalho, revelou-se uma ferramenta potente para capturar as nuances, os desafios e as conquistas que marcam a





transição da EJA para o Ensino Superior. A história de vida transcende a mera superação de um déficit educacional; ela se configura como a ressignificação de uma identidade, na qual o estigma de ter interrompido os estudos dá lugar ao orgulho de se tornar um produtor de conhecimento e um futuro educador. Evidencia-se que a experiência acumulada na EJA, com suas particularidades e desafios, não constitui uma desvantagem, mas sim uma possibilidade de enriquecer a percepção de mundo e a futura prática docente.

Nesse contexto, a formação de professores no curso de Letras assume um papel crucial. O acesso ao conhecimento teórico, à análise crítica e às ferramentas pedagógicas forneceu a base para eu pudesse não apenas sonhar com a docência, mas me enxergar como um agente de mudança. A escolha pela licenciatura em Letras, para um sujeito cuja relação com a palavra escrita foi restabelecida tardiamente, é, por si só, um ato político, de conquista e afirmação.

O PIBID, por sua vez, consolidou-se como o elo fundamental entre a teoria universitária e a realidade do "chão da escola". Para o estudante egresso da EJA, retornar ao ambiente escolar na condição de pibidiano representou um momento simbólico de inversão de papéis: de aluno que buscava uma segunda chance, a educador em formação que agora inspira e guia novos estudantes. O programa proporcionou a vivência prática, a construção da identidade docente e a segurança para experimentar e refletir sobre as metodologias de ensino, confirmando sua importância como política pública indispensável para a qualificação de novos professores. A experiência no PIBID permite ao licenciando perceber e refletir que sua própria trajetória é um potente instrumento pedagógico, capaz de gerar empatia e conexão com alunos que enfrentam dificuldades semelhantes, bem como a construção da identidade docente.

Portanto, este estudo conclui que a superação dos limites pela educação não é um processo linear, mas uma teia complexa tecida com fios de resiliência pessoal, políticas públicas eficazes e formação docente de qualidade. A trajetória analisada ilumina três pontos essenciais: a urgência de valorizar a EJA como uma modalidade de ensino potente e necessária, que demanda investimentos; a relevância da formação inicial de professores, para que estejam preparados para acolher a diversidade de seus futuros alunos, compreendendo





suas histórias de vida como parte integral do processo de ensino-aprendizagem e o impacto de programas como o PIBID, que promovem uma imersão supervisionada na realidade escolar, contribuindo para o desenvolvimento profissional e pessoal dos futuros docentes e fortalecendo a relação entre universidade e educação básica.

Em suma, a narrativa que guiou este artigo é um testemunho vivo de que os limites, sejam eles sociais, econômicos ou educacionais, podem ser transpostos. A educação, quando aliada a políticas de apoio e a uma formação humanizada, não apenas oferece novas oportunidades, mas devolve aos indivíduos o direito de sonhar, de se reinventar e de se tornarem protagonistas de suas próprias histórias e da transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Educação de jovens e adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: Leôncio Soares et al. (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 12 out 2025

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Fac símile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educacional. 27.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. et al. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)**. Fundação Carlos Chagas. 2014.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul./dez. 2012.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (auto)biográfica. **Ensaio Pedagógico (Sorocaba)**, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.x Disponível em: <https://ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/64/102> Acesso em: 09 out 2025.





SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma Introdução às teorias do currículo** - 2. ed.,
9º reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 156p.

ENALIC

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

